

A GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO

Os cavalos relinham sem causa; os homens sabem alguma coisa da guerra?

João Guimarães Rosa – *Grande Sertão: Veredas*

LEONARDO BARBOSA CABRITA*
Primeiro-Sargento (FN)

SUMÁRIO

Introdução
Guerra de quarta geração
Teoria realista de relações internacionais
Os soldados da quarta geração de guerra
Conclusão

INTRODUÇÃO

A humanidade tem, ao longo de séculos, alimentado a esperança de que as modificações globais se manifestariam de modo sistêmico na política, na economia, na cultura e na ciência e eliminariam a violência das relações entre as pessoas e os estados. Até hoje essa esperança não foi correspondida. Em anos mais recentes, têm-se acumulado evidências de que os tipos de ameaças ou forças efetivamente empregadas vêm experimentando uma significativa mudança.

Os anos que seguiram são caracterizados por um grande número de conflitos armados, progressivamente tomando o lugar da guerra convencional. Parece que a proibição do uso da força na legislação internacional contemporânea, por um lado, leva os povos, hoje, a adotarem um tipo de guerra que ocorre, em grande parte, fora do âmbito da lei internacional e que, como regra, exclui o emprego de grandes exércitos.

Na esfera da defesa, as mudanças produziram novas interpretações, promovendo revisão de teorias, de doutrinas, de empre-

* Graduado em História pela Universidade Estácio de Sá (2010). Curso de Especialização em História Contemporânea e em Relações Internacionais pela Universidade Candido Mendes (2012-2013).

go e, sobretudo, as percepções sobre inimigos, com atenção redirecionada aos novos perigos, riscos e ameaças, especialmente quando abordados pela lógica da guerra.

Novos cenários e atores se constituíram, assim como os pensamentos, os projetos nacionais e os sistemas políticos, estatais, sociais e econômicos. Esse novo e complexo cenário atingiu diretamente os domínios e as ações dos Estados Nacionais, baseados em valores universais como democracia, direitos humanos, fome, meio ambiente etc.

Nesta interação, os Estados Nacionais surgem como único ator racional, não existindo princípios normativos, ou seja, uma autoridade universal para ordená-los. A luta pelo poder corresponde à exata definição do processo político, no qual as primazias da capacidade militar e da estruturação da ordem mundial fazem-se latentes.

Na visão realista tradicional da política internacional, a justificativa do uso da força dá-se como condição inevitável do sistema de interações entre os Estados Nacionais. Por isso a importância de compreender uma política de defesa por meio da manutenção do equilíbrio de poder entre as nações. Portanto, a tradicional abordagem teórica das Relações Internacionais, o Realismo, sistematiza suas preocupações em torno de dois problemas centrais, a guerra e o uso da força, e os protagonistas centrais são os estados.¹

Esse quadro realista do mundo é um ponto de partida muito útil para analisar as

relações internacionais e explicar grande parte do comportamento dos Estados. Os Estados são e continuarão sendo as entidades nos assuntos mundiais. Eles mantêm exércitos, praticam diplomacia, negociam tratados, travam guerras, controlam os organismos internacionais, influenciam em grau considerável a produção e o comércio.

Os governos dos Estados atribuem prioridade a garantir a segurança externa dos seus Estados, embora muitas vezes eles tenham que dar prioridade a garantir sua segurança de ameaças internas. De forma ampla, esse modelo padrão de estado, de fato, proporciona um quadro guia

da política global mais realista.

Nesse cenário estratégico, caracterizado por ameaças indefinidas em ambientes operacionais, dentro e fora do território nacional, a incerteza e a imprevisibilidade demandarão forças militares mais capacitadas, denominadas Operações Especiais, com solda-

dos altamente preparados e especializados para o cumprimento de missões de qualquer modalidade, em qualquer situação, em qualquer lugar e em qualquer tempo.

**A luta pelo poder
corresponde à exata
definição do processo
político, no qual as
primazias da capacidade
militar e da estruturação
da ordem mundial
fazem-se latentes**

GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO

Vivemos uma época de conflitos localizados e limitados, internacionais ou nacionais, nem sempre contidos nos países onde ocorrem, envolvendo forças estatais ou não estatais, e por contenciosos

¹ NYE, Joseph S. *Cooperação e conflito nas relações internacionais*. São Paulo: Editora Gente, 2009, p. 5.

territórios em geral, herdados de maus arranjos coloniais.

Os Estados falidos, cujos governos são incapazes de atender às necessidades mínimas de estabilidade política e socioeconômica de suas populações, apresentam uma fonte de instabilidade, possibilitando a criação de campos férteis para a guerra de quarta geração.

Para entender as grandes transformações que afetaram tanto as guerras convencionais quanto a guerra de quarta geração e a relação existente entre elas, é necessário compreender, mesmo que de forma sumária, as profundas mudanças que ocorreram no mundo.

No campo da segurança e da defesa, neste século XXI, formas clássicas de se opor a esses conflitos não são mais adequadas. A guerra foi sendo paulatinamente transformada e aperfeiçoada, submetendo-se às mudanças de modernas tecnologias e do sistema de mercado. No campo militar, a consequência desse desequilíbrio é caracterizada pela Guerra de Quarta Geração.²

A evolução das quatro gerações de guerra começou com a Paz de Westphalia, em 1648, ao findar a Guerra dos Trinta Anos, envolvendo Alemanha, exércitos franceses e suecos e a dinastia Habsburgo, consolidando a espinha dorsal constitutiva do aparelho de Estado, no papel de

organismo encarregado de exercer com legitimidade e defender a soberania nacional. Com esse tratado, uma espécie de “equilíbrio de poder” definiu um modelo de pacto federativo que consegue estabilizar diversas regiões, inspirando relações entre as nações europeias, estabelecendo um pressuposto de reciprocidade, um direito internacional com pactos regulando relações internacionais, livre navegação e compromisso com civis na guerra.

A Guerra de Primeira Geração demonstrava-se eficiente no uso de lanças, confronto de cavalaria, uso de mosquetes, “armamentos de um tiro, com um tipo de recarga complexa”, uso de artilharia móvel,

guerra de linha e coluna, em que as batalhas eram formais e o campo de batalha era ordenado, com fortificações permanentes. Os exércitos não tinham uma organização logística que permitisse seu emprego fracionado, operavam em blocos

e sem muita capacidade de manobra e tinham uma carência de estrutura permanente de militares nacionais “soldados”, contratando, muitas vezes, mercenários, alcançando sua expressão máxima com as guerras napoleônicas.

A relevância da primeira geração de guerra surge do fato que o campo de batalha criou uma cultura militar de ordem. A maioria das características que distinguem os militares (uniformes, continências,

A relevância da primeira geração de guerra surge do fato que o campo de batalha criou uma cultura militar de ordem para facilitar a manobra no combate

2 Guerra de Quarta Geração – Esta teoria da guerra foi desenvolvida por William S. Lind e quatro oficiais do Exército e do Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos (USMC). Lind, que foi assessor legislativo de dois senadores, é o diretor de um *think tank* conservador e autoridade em guerra de movimento. A Guerra de Quarta Geração é, primordialmente, uma teoria em nível tático que, ocasionalmente, incursiona no nível operacional, e se situa na era moderna que vai da época do Tratado de Westphalia, em 1648, até o presente. (*Marine Corps Gazette*, October 1989).

graus hierárquicos etc.) é produto da primeira geração, com a intenção de reforçar a cultura da ordem para facilitar a manobra no combate.

Já em meados do século XIX, o ordenado campo de batalha começou a se desordenar. Exércitos concentrados, soldados motivados para a guerra, mosquetes raiados e, mais tarde, armas de retrocarga e metralhadoras tornaram as táticas antigas de linha e coluna obsoletas e logo suicidas.

A Guerra de Segunda Geração, conhecida como Primeira Guerra Mundial ou Grande Guerra (1914-1918), foi uma resposta ao desalinhamento observado no campo militar nos últimos decênios do século XIX, um conflito envolvendo antigas alianças europeias com ambições conflitantes e consequências catastróficas.

A segunda geração foi uma combinação de tecnologia, táticas e cultura de povos e atingiu seu ápice com resultado de saltos tecnológicos pelas forjas da Revolução Industrial. O desenvolvimento do motor a explosão e do motor elétrico respondeu pelo aparecimento das primeiras armas de destruição em massa; do carro de combate, para quebrar o impasse criado pelas trincheiras; dos encouraçados, navios extremamente resistentes e poderosos; e dos aviões com funções de reconhecimento e, logo depois, de bombardeio. O submarino aparece em fase de protótipos usados por alemães e ingleses. Surge a metralhadora caracterizada pela ascendência do sistema de apoio de fogo sobre a manobra, desenvolve-se a indústria química, que levou à produção de gases tóxicos, e surge o emprego do lança-chamas, que provocava um devastador efeito psicológico, utilizado desde o início por alemães, depois copiado por forças militares do Reino Unido, França e do Império Russo, causando consequências

horríveis, para tentar acabar com a guerra de trincheiras.

A Grande Guerra testemunhou uma infinidade de armamentos e técnicas entrando para a história da guerra e causando grande destruição. Essa maneira de guerra teve como característica o atrito, doutrina resumida pelos franceses como “a artilharia conquista, a infantaria ocupa”. O propósito das nações em combate na Primeira Guerra Mundial foi o de derrotar o inimigo no campo de batalha e impor condições de paz. Essa guerra deixou marcada a alma da sociedade europeia, estilhaçando a cultura e contabilizando milhões de mortes e pessoas mutiladas.

A Primeira Grande Guerra deveria ter sido a guerra para acabar com todas as guerras, mas as táticas antigas colidiram com os novos e poderosos armamentos. Essa guerra foi o ponto de inflexão na história militar, seu legado de informações em armas e estratégia definiria a guerra moderna, lançando a base para a Segunda Guerra Mundial.

A Guerra Terceira Geração, conhecida como Segunda Guerra Mundial, também um produto da Primeira Guerra Mundial, teve como características o fato de que os países em conflitos visavam a pretensões ilimitadas. A guerra continuava a ser guerra, mas tornara-se mais complexa. Ainda permanecia válida a máxima de Karl Von Clausewitz de que “a guerra é a continuação da política através de outros meios”. Por tudo isso, tanto um lado como o outro estavam destinados a lutar, empregando o máximo das suas forças.

Uma grande mobilização envolvendo questões militares e econômicas estava em curso. Houve uma grande evolução no desenvolvimento de carros de combate, aeronaves e armas automáticas. Revelou-se uma enorme mobilidade para o combate, com o uso de táticas de

penetração veloz com carro de combate. Um bom exemplo foi desenvolvido pelo Exército alemão: a guerra relâmpago, conhecida como *blitzkrieg*. A infantaria ia a pé, apoiada no ar pelos bombardeiros, com o objetivo de aterrorizar, desorientar, confundir, causar dúvidas e confusão na retaguarda do inimigo.

Entretanto, foi a partir da Segunda Guerra que as Operações Especiais tiveram seu emprego consagrado em unidades tipo “Comandos”. Esse período foi o nascedouro de tropas especializadas que inventaram muitas habilidades táticas, que, na maior parte de suas missões, provocaram um impacto militar direto, com suas operações mais estratégicas. Surge também a transformação da energia nuclear como forma de explosivo e seus efeitos destruidores, acrescentando uma nova dimensão à guerra.

A Terceira Geração foi baseada não só no poder de fogo e no atrito, mas na velocidade, na surpresa e no deslocamento. Taticamente, durante o ataque, o militar da Terceira Geração de guerra procura adentrar nas áreas de retaguarda do inimigo, causando um grande colapso. A guerra deixa de ser uma manobra de empurrar, em que as forças tentam segurar ou avançar uma linha e transforma-se em não linear. Não são apenas as táticas que mudam, mas muda também a cultura militar, que continua a moldar as guerras até hoje.

A Guerra de Quarta Geração tem suas características, a descentralização e a iniciativa, em outros aspectos, e marca a mudança mais radical desde a Paz de Westphalia. Nessa geração de guerra, o Estado perde o monopólio sobre a guerra propriamente dita. Será uma guerra do presente para o futuro, em os combates se darão fora da trindade de Clausewitz, que preconiza que “a guerra é composta pela política de governo, pelas atividades militares e pelas paixões dos povos”. A

guerra moderna, agora, passaria por uma radical transformação.

As guerras sempre estiveram associadas com um tipo de instituição conhecida como Estado, porém Estados falidos tornam-se fonte de instabilidade. Em todo o mundo, militares se encontram combatendo oponentes não estatais, como as corporações transnacionais, organizações não governamentais, fundamentalismo político e religioso, grupos terroristas, narcotráfico, contrabando de armas, pirataria, imigrantes ilegais, lavagem de dinheiro e degradação do meio ambiente, entre outros.

Em tempos recentes, as guerras estão se transformando em conflitos de baixa intensidade, que exigiriam das Forças Armadas uma redefinição do seu papel, pois passariam a agir muito mais como polícia, travando uma guerra de intervenção. Este novo tipo de guerra está se materializando em quase toda parte do mundo, os Estados encontram-se em crise universal de legitimidade, e essa crise pode significar, em muitos países, a evolução da Guerra de Quarta Geração em seus territórios.

TEORIA REALISTA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O mundo é demasiadamente complexo para ser visualizado de forma útil para a maioria dos propósitos, como simplesmente dividido em termos econômicos, entre Norte e Sul ou, em termos culturais, entre Leste e Oeste. Esse quadro realista do mundo é um ponto de partida muito útil para se analisar as relações internacionais e explicar grande parte do comportamento conflitante entre os Estados.

A ilusão de harmonia no fim da Guerra Fria logo foi dissipada pela multiplicação de conflitos étnicos e de rupturas da lei e da ordem, pelo surgimento de novos padrões de alianças e conflitos entre os

Estados. Portanto, o paradigma de um só mundo harmônico está claramente divorciado demais da realidade para ser um guia útil no mundo pós-Guerra Fria.³

As situações de desequilíbrio existentes no ordenamento mundial são frequentes. Elas normalmente se manifestam em função dos objetivos estratégicos perseguidos pelos atores internacionais que visam garantir melhores e mais vantajosas condições de liderança ao bloco dominante de nações. Tal atuação agrava o desequilíbrio existente na comunidade de nações, seja no campo econômico, social, cultural, político ou militar.

A consequência desse desequilíbrio, em nível nacional ou transnacional, vai continuar, e os chamados conflitos predominarão. Um amplo conjunto de ameaças que envolvem desde defesa a interesses nacionais, tais como: a manutenção da soberania, a integridade do patrimônio nacional, a garantia da lei e da ordem, a garantia dos poderes constitucionais e a garantia dos compromissos internacionais.

O propósito é fazer um resumo sobre a teoria realista de Hans Morgenthau e relacioná-la com o objeto estudado. Para Morgenthau, o propósito dos Estados é a defesa da soberania e de seus interesses vitais diante de ameaças provenientes de outros Estados nacionais. Baseados no conceito de poder, estes tentam maximizar a probabilidade de alcançar seus propósitos, não importando os meios utilizados para isso. Para Morgenthau, poder é a essência da política.

O poder político não é um valor absoluto, mas uma relação entre os homens

Esta explicação relaciona-se com o conceito do Realismo, que possui como referência seus principais autores: Tucídides, que considerava que o poder é central nas relações entre as unidades políticas; Nicolau Maquiavel, reconhecido como fundador da ciência política moderna, pelo fato de haver escrito sobre o Estado e o governo como realmente são e não como deveriam ser; Thomas Hobbes, que explanou os seus pontos de vista sobre a natureza humana e sobre a necessidade de governos e sociedades; e Hans Morgenthau, cientista político norte-americano que propôs-se a investigar as relações entre as nações e as forças que envolvem esse relacionamento, pioneiro na articulação da teoria realista das relações

internacionais pela qual se orientaram as pesquisas e os debates políticos nos Estados Unidos da América (EUA).

Atualmente, a política internacional é calcada na incerteza, por causa da natureza desnivelada do relacionamento entre os Estados, e amoldada pelo poder, pela força, pelo interesse e pelas desigualdades profundas, com seus níveis de desenvolvimento socioeconômico, político e demográficos e, sobretudo, com a capacidade bélica. No campo das relações internacionais, poder é a capacidade que tem uma unidade política de impor sua vontade às demais. Em poucas palavras, o poder político não é um valor absoluto, mas uma relação entre os homens.⁴

O teórico realista Thomas Hobbes defende que o cenário internacional vive

3 HUNTINGTON, Samuel P. *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997, p. 32.

4 ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. Prefácio de Antonio Paim. Tradução Sérgio Bath. 1ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, p. 99 (Clássicos IPRI, 4).

um estado latente de anarquia, a existência humana fora do Estado é de luta. O estado de natureza de Hobbes não é benigno e é uma guerra de todos contra todos, porque não existe um governo superior para manter a ordem. Conforme Hobbes declarou notavelmente, a vida num mundo assim tende a ser rude, brutal e breve.⁵

O realismo tem seu corte temporal a partir do ano de 1945, quando o liberalismo do período entreguerras passa por um processo de redefinição e relativo declínio no contexto da época. A Liga das Nações mostrou ser um organismo internacional com crises internas e incapacidades de articulação da ordem mundial ocasionando declínio momentâneo do ideário liberal. O mundo pós-guerra inaugura uma nova forma de compreensão atualizada do realismo, com o impacto das novas tecnologias e das novas alianças emergentes.

Hans Morgenthau, ao estabelecer os seis princípios fundamentais do realismo que revelam um grau de objetividade, também defende que as prioridades de toda política externa devem ser a segurança e a soberania estatais. O realismo político acredita que a política, como aliás a sociedade em geral, é governada por leis objetivas que deitam suas raízes na natureza humana. Para estar em condições de melhorar a sociedade, é necessário entender previamente as leis pelas quais a sociedade se governa.⁶

Assim, essa teoria busca entender a política internacional como ela é, não como as pessoas gostariam que ela fosse. Também são céticos sobre valores na política mundial. No entanto, alguns admitem a existência das obrigações morais, mesmo que seja a paz injusta.

A melhor maneira de preservar a ordem é preservar um equilíbrio de poder entre os Estados. Por isso, na elaboração dessa teoria política, a manutenção do equilíbrio das estruturas hegemônicas seria latente, visto que a política internacional é anárquica no sentido que não existe governo superior, evitando, assim, interferências

em suas soberanias.

A existência de um Estado e de seu braço armado tem valor dissuasório e funciona como recurso último e extremo para a manutenção da ordem e, por paradoxal que possa parecer, da liberdade, da dignidade e da vida. No entanto, confirma que a força militar continua representando um

papel importante como pano de fundo na teoria realista. Isso garante a contenção de qualquer ação que perturbe a paz.

O poder de uma nação, tendo em vista o seu moral nacional, reside na qualidade de seu governo. Desta forma, é possível entender que a qualidade do governo é uma fonte de força ou fraqueza. Outro ponto salientado por Morgenthau é de que as nações precisariam apoiar-se na qualidade de suas diplomacias, que atuariam como

A melhor maneira de preservar a ordem é pelo equilíbrio de poder entre Estados. O braço armado tem valor dissuasório e é recurso extremo para a manutenção da ordem, da liberdade, da dignidade e da vida

5 NYE, Joseph S. *Cooperação e conflito nas relações internacionais*. São Paulo: Editora Gente, 2009, p. 4.

6 MORGENTHAU, Hans J. *A Política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. IPRI, 2003, cap. 1, p. 4.

elemento catalisador para os diferentes fatores que constituem o poder nacional (geografia, recursos naturais, capacidade industrial e o grau de preparo militar).⁷

Todavia estas características do sistema também foram muito influenciadas pelos líderes dos Estados que criam o equilíbrio de poder, regras de comportamento e normas baseadas em uma suposta moral universal. Significam distribuição igualmente de poder como numa balança, e alguns realistas sustentam que a estabilidade acontece quando há um equilíbrio uniforme, mas outros afirmam que a estabilidade acontece quando um lado tem preponderância de poder de modo que outros não ousam atacá-lo.

Morgenthau, em seu livro *A política entre as nações*, esconde sua opção conservadora e ativista, conceitualmente o estudo das relações entre os Estados, explicita preocupações a elas subjacentes e esclarece ideias emergentes na política internacional da época. Planejando em torno de dois conceitos de guerra e paz, estas duas ideias são básicas para a discussão da política mundial.⁸

Para Morgenthau, a política internacional consiste necessariamente em política do poder. O propósito é o de compreender as forças que determinam as relações políticas entre as nações, bem como o de entender os meios pelos quais essas forças agem umas sobre as outras e sobre as relações políticas e as instituições internacionais. Outro ponto analisado por Morgenthau no sistema internacional é o da segurança, ou seja, a proteção do território, do sistema político, das ideologias e, principalmente, da soberania. A soberania é uma autoridade suprema, portanto indivisível, tema principal dos teóricos realistas.

Esse trabalho tentou analisar a teoria realista utilizando os métodos em que Hans Morgenthau deixa claro que ter poder significa também ter capacidade de influenciar o comportamento dos outros, de forma com que as coisas que queremos aconteçam. Ele, como os realistas, assume que há vários fatores para definir poder, mas todos dependem da preparação militar de um Estado.

Do ponto de vista teórico, os Estados regulam o comportamento dependendo dos propósitos, mantendo a paz mundial ou tentando alcançar a hegemonia. Portanto, a teoria realista enfrenta as maiores críticas devido às crises econômicas e à globalização, que contribuem para acentuar essas fragilidades e críticas num mundo cada vez mais complexo, onde as ameaças vêm de outras entidades que não só os Estados.

Tendo em vista que vivemos em um universo formado por interesses e conflitos contínuos, não há possibilidade de que os princípios morais sejam algum dia realizados plenamente. Isso fez com que a teoria aqui caracterizada ganhasse o nome de realista. Nesse paradigma realista de relações internacionais, Hans Morgenthau não concebe que exista uma sociedade mundial homogênea e muito menos uma moralidade universal. Para ele, na política tudo que conta é a nação, a soberania e a segurança.

No plano da manutenção e defesa da integridade territorial do Estado contra o inimigo externo, é fundamental entabular as Forças Armadas, especialmente de pronto emprego para defesa ou ataque. As Forças Armadas de um Estado em condições de vulnerabilidades e de cobiças internacionais devem exercer papel importante na análise global de longo

7 Idem, p. 215.

8 Idem, p. 44.

curso de seus objetivos estratégicos. Dessa forma, devem possuir excelentes soldados e ser bem equipadas com armas sofisticadas de alta capacidade de destruição e precisão para a preservação da soberania e equilibrar o poder entre as nações.

A teoria realista torna-se ponto de convergência para as ações de médio e longo prazo na projeção e no aumento do coeficiente do poder nacional. Ela serve como alavanca para estudar os meios e as formas de melhor preparar os Estados para as eventualidades que possam surgir, passando a deter uma posição de vantagem predominante das forças que moldam a política internacional, em um ambiente que mescla conflitos tribais, étnicos e religiosos, máfias internacionais, proliferação de refugiados, expansão do terrorismo e massacres de civis, todos ingredientes da Quarta Geração de guerra.

OS SOLDADOS DA QUARTA GERAÇÃO DE GUERRA

Diante desse cenário, a temática militar e os estudos da guerra, suas teorias, doutrinas e formas de emprego começaram a ser revisadas; contudo, estão longe de sua fase madura. De forma resumida, as mudanças e os conceitos que nos permitem interpretar os novos cenários e sua relação com a defesa nacional, especialmente no que se refere ao advento da guerra, modificaram a natureza do enfrentamento.

A quarta geração exige muito mais inteligência, análise e maior flexibilidade no enfrentamento de conflitos assimétricos

Nesse contexto, observa-se uma tendência global, na grande maioria dos estados nacionais, de valorização de suas forças de operações especiais, as quais ganham relevância em função das características específicas do seu pessoal. Constituídas por soldados organizados em pequenos efetivos, dotados de excepcional espírito de corpo, potência física e emocional, especialmente selecionados, treinados e equipados, essas forças estão demonstrando ser vetores extremamente positivos no desdobramento de crises ou conflitos de caráter eminentemente não convencional,

em ambientes operacionais caracterizados pelo alto grau de sensibilidade política, grande complexidade psicossocial e exigência de ações a realizar, em que se impõe a manutenção de um elevado grau de sigilo.⁹

Na atualidade, observa-se uma desconcertante diversidade de guerras separatistas, violências étnicas e religiosas, golpes de Estados, disputas de fronteiras, levantes civis e de atentados terroristas, o que provoca um cenário de inúmeras guerras, que podemos enquadrar no contexto de Guerra de Quarta Geração. A quarta geração exige muito mais inteligência, análise e maior flexibilidade no enfrentamento desses conflitos. Ela engloba elementos de gerações de guerras anteriores. Tal fato exige que as forças militares estejam preparadas para lidar com esse novo modelo de guerra.

Entretanto, unidades de Operações Especiais não são novidades. Um con-

⁹ DUNNINGAN, James F. *Ações de Comandos: operações especiais, comandos e o futuro da arte da guerra norte-americana*. Tradução de Solution Consult Idiomas Ltda. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008, p. 8.

ceito muito utilizado, embora tenha sofrido algumas adaptações relacionadas à evolução dos conflitos, é a definição da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) – documento AAP-6 de 2003 –, segundo o qual as operações especiais são “atividades militares conduzidas por forças especialmente designadas, organizadas, treinadas e equipadas, que utilizam técnicas operacionais e modos de ação não habituais para as forças convencionais. Essas atividades são desenvolvidas em toda gama de operações das forças convencionais, em coordenação com elas para atingir objetivos políticos, militares, psicológicos ou econômicos. Questões políticas militares podem demandar o recurso a técnicas clandestinas ou discretas, aceitando um nível de risco físico e político incompatível com as operações convencionais”.¹⁰

Ao redor do mundo, nações estão comprando essa ideia, de que soldados voluntários altamente treinados são, o melhor caminho para projetar poder, mesmo em países pacíficos e democráticos, que tem missões relevantes cujas estruturas políticas e estratégicas crescem a cada dia, não podem se alienar da prevenção a ameaça da paz e da segurança, dentro e fora do território nacional.

Devemos continuar seguindo o pensamento estratégico do primeiro-ministro Winston Churchill, que em 1940, devido a várias adversidades encontradas na guerra não teve dúvida, que a solução estava lá; “unidades pequenas, integradas por homens supertreinados, audaciosos, resolutos, equipados com as melhores armas que pudessem carregar, capazes, principalmente, de tomar a iniciativa. Pouco numerosos, os comandos podiam surgir onde

o inimigo não os esperava, e empreender ações pontuais, rápidas, à noite”.

A atual geração de guerra reserva a esse perfil de soldado de Operações Especiais, incontestavelmente, um papel de destaque, demonstrando ser ele extremamente positivo e preponderante nos desdobramentos de conflitos do novo século, seja liderando ou apoiando uma tarefa específica a ser conduzida, acompanhando a tendência global, que hoje alguns especialistas nomeiam como Guerras de Quarta Geração.

CONCLUSÃO

Para a ação militar de defesa do Estado, o cenário internacional se tornou mais complexo e incerto com o aumento e a modificação nas sensibilidades e nas vulnerabilidades. Desde então, inúmeros conflitos irromperam pelo mundo afora, apresentando novas formas de guerrear, exigindo que a segurança nacional tenha uma abordagem multidimensional.

Este trabalho teve por propósito apresentar um entendimento sobre as evoluções das guerras no decorrer dos séculos, baseado na teoria realista de relações internacionais como aplicação do poder de um Estado e, conseqüentemente, a ideia de que soldados preparados, voluntários, altamente treinados, qualificados e eficientes asseguram o poder de um Estado e ampliam a visão do comando no campo de batalha.

Apesar de o discurso dominante ser global, com pretensão de homogeneidade, percebemos na política as crises dos Estados. Em alguns territórios sequer existe ou foi estruturado o Estado. Na esfera militar, o surgimento da guerra não convencional

10 DENÉCÉ, Eric. *A história secreta das forças especiais: de 1939 a nossos dias*. Tradução de Carolina Massuia de Paula. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009, p. 234.

transcende o campo da especulação e da experimentação, pois o ataque agora pode estar sempre iminente e ser desferido por qualquer agente, trazendo para o debate a chamada Guerra de Quarta Geração.

Os Estados refletem a defesa dos interesses e dos projetos nacionais. O conflito de quarta geração, característico do século XXI, processa-se em ambientes operacionais extremamente fluídos, com a presença de coalizões, alianças, parcerias e novos atores dos mais variados e cada vez mais organizados em torno de crenças e ideologias, e não só de localização geográfica.

A Guerra de Quarta Geração está produzindo uma modificação radical no perfil do preparo dos militares em todo o mundo. Os conflitos armados estão exigindo soldados em todos os níveis, capazes de enfrentar um inimigo convencional num determinado momento para, logo no momento seguinte, fazer face a um inimigo irregular e, em seguida, engajar-se nas atividades de assistência humanitária, reconstrução das instituições e infraestruturas básicas da governança local.

Desse modo, percebe-se que o realismo político está diretamente relacionado à luta constante pela conservação do *status quo* e pelo aumento do poder. Esse equilíbrio tem o objetivo de manter a estabilidade do sistema, porém sem destruir a multiplicidade dos elementos que o compõem.

O meio utilizado para manter o referido equilíbrio consiste em permitir que os diferentes elementos sigam normalmente

suas tendências conflitantes, até o ponto em que a tendência de cada um deixe de ser suficientemente forte para superar as tendências dos demais, mas bastante vigorosa para impedir que as dos demais a subjuguem.¹¹

Nota-se, contudo, que as circunstâncias mudaram o uso da força nas relações internacionais. Este uso voltou a ser considerado não como possível, mas como de fato empregado, como se pode observar no atual momento histórico. Por isso a teoria realista se destaca quando os estados abordam os objetivos: poder, política e estratégia em países aspirantes a potências.

Para um Estado nacional emergente como o Brasil, candidato ostensivo a um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas, não há a menor dúvida de que precisará estar preparado para defender-se não somente das agressões, mas também das ameaças, e fazer

face às crises e aos conflitos característicos do presente século.

Ao analisar os cenários prospectivos, tudo indica ser cada vez mais fundamental a existência de forças de pronto emprego de caráter especial, com permanente prontidão operacional e capacidade de projeção de poder nas áreas de interesse estratégico do País, para atender a uma extensa gama de demandas operacionais.

A versatilidade e a flexibilidade conferidas pelo conceito de emprego por meio de operações especiais, capazes de rapidamente se adaptarem a diferentes

O conflito de quarta geração processa-se em ambientes fluídos, com presença de novas coalizões, alianças e parcerias. Envolve crenças e ideologias, não só localização geográfica

11 MORGENTHAU, Hans J. *A Política entre as nações*: a luta pelo poder e pela paz. IPRI, 2003, p. 324.

perfis de missões, atuando em todo o espectro da segurança nacional, seja em ações humanitárias, no combate às novas ameaças, seja no combate convencional, serão fatores preponderantes para serem a melhor opção de emprego de força estratégica da nação.

Na verdade, adentramos uma fase da história inteiramente nova, incerta e volátil. Vive-se em um mundo em que a intimidação tripudia sobre a boa fé, e nossa estratégia de política nacional deve ser pautada no binômio desenvolvimento e segurança, inevitavelmente inclinada ao aumento de nossa soma de responsabilidade na ordem internacional.

Neste contexto, o principal desafio é a atenção acurada à Defesa Nacional, para preservar nossos valores e conquistas, bem como exercer influência compatível com as dimensões do País, sem a pretensão de afrontar ninguém, mas de oferecer respostas aos novos desafios e ameaças que estão por vir. Assim, analistas e estrategistas militares de guerras têm se dedicado aos estudos dos diferentes tipos de guerras que podemos enfrentar na era de mudanças radicais nas tecnologias interligadas, das comunicações e da globalização, a fim de colocá-los no centro do debate das questões estratégicas no Brasil.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRA>; Classificação das Guerras; Relações Internacionais;

BIBLIOGRAFIA

- ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. Brasília: UnB, 2003.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. Tradução de Maria Teresa Ramos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DENÉCÉ, Eric. *A história secreta das forças especiais: de 1939 a nossos dias*. Tradução de Carolina Massuia de Paula. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- DUNNINGAN, James F. *Ações de Comandos: operações especiais, comandos e o futuro da arte da guerra norte-americana*. Tradução de Solution Consult Idiomas Ltda. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.
- HISTÓRIA DAS GUERRAS. Demétrio Magnoli, organizador. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Organizado por Richard Tuck. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- HUNTINGTON, Samuel Phillips. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Tradução de M. H. C. Cortês. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.
- LIDDELL HART, Basil Henry. *As grandes guerras da história*. Tradução Aydano Arruda. 6ª ed. São Paulo: Ibrasa, 2005.
- MORGENTHAU, Hans J. *A Política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. IPRI, 2003. Capítulo 1 – Os seis princípios do Realismo Político.
- NYE, Joseph S. *Cooperação e conflito nas relações internacionais*. São Paulo: Editora Gente, 2009.
- KEEGAN, John. *Uma história da Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, coedição Companhia das Letras, 1995.
- WALTZ, Kenneth N. *O homem, o estado e a guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.